

Informação e Conhecimento: vida humana na sociedade digital¹

Thybor Malusá Brogio²

Universidade Metodista de São Paulo

Resumo

Conhecimento e informação são termos amplamente difundidos na sociedade contemporânea onde as tecnologias imperam e impõem o ritmo e o estilo de vida às pessoas. Dessa maneira, o objetivo deste artigo é entender como alguns autores definem os termos conhecimento e informação para que assim, através de pesquisa bibliográfica, possam-se compreender algumas das bases da vida humana na sociedade digital.

Palavras-chave

Conhecimento; informação; sociedade; tecnologia; cultura

Introdução

Desde há muito tempo o ser humano se preocupa com o futuro e desenvolve técnicas para perpetuar o conhecimento obtido até então. Durante toda a história da humanidade, líderes utilizaram o poder do conhecimento como forma de dominar outros povos, tanto é que o ensaísta e professor visitante na pós-graduação em sociologia da Universidade de Brasília, Sérgio Paulo ROUANET, afirma:

Foi Francis Bacon, no início do século 17, que formulou a tese da relação fundamental entre saber e poder, mas o mundo não precisou esperar o advento dos tempos modernos para pôr o conhecimento a serviço do poder. Sem o saber especializado dos escribas, dos geômetras ou dos sacerdotes, não teria sido possível nem os grandes impérios nem as cidades-estados nem as sociedades feudais. (2002, p.14)

Sobre a importância do poder do conhecimento para uma determinada sociedade, o sociólogo e ensaísta alemão, Robert KURZ, diz que “desde sempre homens se esforçaram

¹ Artigo Científico apresentado ao eixo temático “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Orientador: Adolpho Queiroz. Graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Redator de Jornalismo da Rádio Jovem Pan. Email: thyborb@yahoo.com.br

para acumular e transmitir conhecimentos. Toda sociedade é definida, afinal de contas, pelo tipo de conhecimento que dispõe”. (2002, p.15)

O desenvolvimento dos meios de transportes e especialmente das tecnologias da comunicação possibilitaram uma mudança significativa na transmissão desse conhecimento e, conseqüentemente, no modo de vida da sociedade. Hoje, o desenvolvimento dessas sociedades no mundo depende do desenvolvimento científico e tecnológico, de tal maneira que o trinômio conhecimento-tecnologia-inovação “é um dos instrumentos para a superação das desigualdades econômicas e sociais, a agregação de valor, a criação de empregos mais qualificados e a disseminação do bem-estar”. (CONTINI; REIFSCHNEIDER; SAVIDAN, 2004, p.17)

Busca-se, então, através deste paper, discorrer acerca das diferenças entre informação e conhecimento na sociedade na qual estamos inseridos, que valoriza o desenvolvimento das novas tecnologias, conhecida como sociedade digital, bem como entender algumas das bases que norteiam a vida das pessoas nesta sociedade. Isso se faz importante porque, em 1954, Norbert WIENER já dizia que:

A sociedade só pode ser compreendida através de um estudo das mensagens e das facilidades de comunicação de que disponha; e de que, no futuro desenvolvimento dessas mensagens e facilidades de comunicação, as mensagens entre o homem e as máquinas, entre as máquinas e o homem, e entre a máquina e a máquina, estão destinadas a desempenhar papel cada vez mais importante (p.16)

A metodologia utilizada é a de pesquisa bibliográfica. Antônio Carlos Gil diz que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos. (2002) Por isso, busca-se o debate das idéias de autores em artigos científicos e artigos publicados em periódicos e na internet.

Informação e Conhecimento na Sociedade Digital

A economia, a cultura e a vida na sociedade contemporânea estão intimamente ligadas ao desenvolvimento das novas tecnologias. O economista e diplomata japonês, Koichiro Matsuura, diretor-geral da Unesco³, afirma que:

³ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

As reviravoltas científicas do século 20 provocaram uma terceira revolução industrial, a revolução das novas tecnologias, que, essencialmente, são tecnologias intelectuais. Essa revolução deitou as bases de uma economia do conhecimento, colocando-o no cerne da atividade humana, do desenvolvimento e das transformações sociais (MATSUURA,2005, p.A3)

Essa economia explicitada por Matsuura gerou o que alguns autores chamam de sociedade do conhecimento, ou, como prefere o professor e pesquisador da Universidade Metodista de São Paulo, Sebastião Carlos de Moraes Squirra, “Sociedade dos Conhecimentos”. Para SQUIRRA, é importante lembrar que a Sociedade dos Conhecimentos tem uma abrangência que vai além do mundo da internet e está redefinindo a economia global, trazendo o domínio do mundo dos negócios a partir de grandes bancos de dados. (2005, online)

No entanto, há uma grande discussão acerca das definições dos termos *Conhecimento* e *Informação*. Thomas H. Davenport, no seu livro *Ecologia da Informação*, diz que é difícil diferenciar a distinção entre dados, informação e conhecimento, mas que informação “é um termo que envolve todos os três, além de servir como conexão entre dados brutos e o conhecimento que se pode eventualmente obter”. Conclui, portanto que o conhecimento é a informação mais valiosa e mais difícil de gerenciar. (DAVENPORT, 2001, p.18-19)

Sendo então o conhecimento a informação mais valiosa, temos que a sociedade do conhecimento parece se empenhar em reduzir o mundo a um acúmulo de informações e processamento de dados e em ampliar de modo permanente o campo de aplicação destes, ou seja, na sociedade do conhecimento, a base é dada pela informática, que serve para programar seqüências funcionais. (KURZ, 2002, p.15)

O conjunto de nossas ações na vida é cada vez mais monitorado por dígitos, trilhas, clusters e sinais de todo tipo. Esse conhecimento de sinais, o processamento reflexo de informações, não é, porém, exigido somente no âmbito tecnológico, mas também no elevado nível social e econômico. (KURZ, 2002, p.15)

No entanto, Rouanet lembra que o próprio Robert Kurz assinalou que vivemos em uma sociedade na qual somos bombardeados por meras informações. Essas funcionam como sinais, diante das quais reagimos de modo compatível com o programa que nos condiciona, ou seja, a informação dispensaria o trabalho reflexivo que transformaria os conteúdos do mundo

exterior, devidamente processados e transformados em conhecimento. (ROUANET, 2002, p.14)

Ou seja, para Rouanet existe uma espécie de glamour acerca do termo *Sociedade do Conhecimento* que acaba por esconder a ideologia por trás dela. “A dissimulação básica está em tratar informação e conhecimento como se fossem sinônimos, o que implica redefinir a sociedade de conhecimento como sociedade de informação” (ROUANET, 2002, p.14)

Mas isso não significa menosprezar, diminuir a importância da informação, posto que ela é de suma importância para o funcionamento da economia da sociedade digital, tal que, sem a difusão instantânea em todas as articulações da economia global, não seria possível deslocar todas as movimentações financeiras, bem como não seria possível a tomada de decisões vitais como a localização de uma empresa e a definição das políticas de contratação e demissão de mão-de-obra, que constituem, basicamente, a gestão econômica nesta fase do capitalismo da sociedade digital. “Em suma, sem informação não há sociedade do conhecimento”. (ROUANET, 2002, p.14)

No entanto, para Rouanet, nós não podemos perder de vista que existe um sistema de dominação que é exercido pelo capitalismo global e que “as relações reais provêm do novo lugar ocupado pelo conhecimento na fase atual do capitalismo, e a mistificação consiste em dissimular a verdadeira natureza do modelo que está sendo idealizado”. (ROUANET, 2002, p.14) Sobre esse domínio dos países centrais na sociedade, o professor e pesquisador Sebastião Squirra afirma que:

Os princípios dessa sociedade trazem em si estampadas as modernas e dinamicamente evolutivas práticas e modelos de ação dos países mais avançados do globo. Nela, as complexas possibilidades de controle, armazenamento e liberação de acesso aos múltiplos conjuntos de informações relegam a maior parte das nações a situação idêntica à que vivencia um espectador do interior de um país periférico, estando este numa pequena estação de trem por onde, de repente, passasse o TGV, o expresso de altíssima velocidade, ícone de uma das mais avançadas formas de conquista tecnológica (SQUIRRA, 2005, online)

A Doutora em Filosofia da Educação e professora da UEM⁴, Lizia Helena Nagel, complementa dizendo que “... ‘*Sociedade do Conhecimento*’ é, antes de tudo, a expressão empresarial dos investimentos racionalmente programados para o mundo globalizado”. (NAGEL, 2002)

⁴ Universidade Estadual de Maringá

Por isso, a sociedade não deve perder de vista que, mesmo as áreas tecnológicas tendo uma grande importância para a difusão da informação na sociedade digital, a sociedade do conhecimento só será realmente possível, em seu sentido integral, quando a filosofia e as humanidades fizerem parte do principal determinante da organização social e numa época em que:

...todas as camadas sociais, em todos os países do mundo, tivessem chances simétricas, asseguradas por processos democráticos, de âmbito tanto nacional quanto global, de participar da geração, processamento, transmissão e apropriação do conhecimento e das informações necessárias a esse conhecimento. (ROUANET, 2002, p.15)

Então, para que o conhecimento não fique circunscrito à ciência natural e à técnica, é preciso dar uma importância idêntica aos outros tipos de conhecimento, como as ciências humanas e a filosofia, para que o mundo não se torne “odiosamente tecnocrático ao novo modelo de sociedade, transformando-a num paraíso de engenheiros e de analistas de sistemas” (ROUANET, 2002, p.15)

Esse bombardeamento de informações técnico-científicas já começa a ser observado na vida prática das pessoas. O professor livre-docente de filosofia da Unicamp⁵, Rubem Alves, parece dialogar com essa questão ao afirmar que, na sociedade contemporânea, existe uma fragmentação dos conhecimentos e que os extremos dessa fragmentação podem não ser tão boas, já que “físicos não entendem os sociólogos, que não sabem traduzir as afirmações dos biólogos, que por sua vez não compreendem a linguagem da economia, e assim por diante”. Logo, “a especialização pode transformar-se numa perigosa fraqueza”. (ALVES, 2002, p.11)

A colunista do jornal *The Los Angeles Times*, Meghan Daum, complementa dizendo que obter notícias hoje é mais difícil do que antigamente, quando as pessoas assistiam a um telejornal, ouviam rádio e liam algum diário impresso. “Se essa velha maneira de se informar tinha um centímetro de profundidade e um quilômetro de largura, o processo, hoje, é como pesquisar dissertações. Ou seja, em vez de diversificar, nós escavamos fundo”. (DAUM, 2006, p.A7)

O ensaísta Nelson Ascher também faz algumas considerações sobre o momento atual da sociedade digital e diz que as pessoas, hoje, estão divididas entre os *tecnófilo* e *tecnófobos*. O tecnófobo é aquela pessoa que relutou para comprar seu primeiro computador, ainda hoje o

⁵ Universidade Estadual de Campinas

utiliza de forma relutante e não simpatiza com a televisão nem com os adventos da tecnologia. Já o tecnófilo bate fotos digitais, assiste aos seriados em canais de televisão por assinatura e adora falar sobre as vantagens e desvantagens das novas tecnologias. (ASCHER, 2004, p. E8)

Mas, por considerarem que a informação está muito especializada na sociedade digital, os intelectuais tecnófobos, que durante a vida escolar tiravam notas melhores em português do que em matemática, assistem com desconfiança ao surgimento de hardwares e softwares e, quando chegam à idade adulta “se consideram os guardiães do legado cultural” da sociedade. (ASCHER, 2004, p.E8)

Economia e Estilo de Vida

O fato é que a hegemonia dos países centrais capitalistas dita as regras da sociedade digital, conforme já foi dito anteriormente por Squirra, Rouanet e Nagel. Para fazer parte deste universo, é preciso usar as novas tecnologias e isto implica em uma nova realidade de mundo. Essa nova realidade é que modifica profundamente economias, mercados e estruturas setoriais, o mercado de trabalho e o comportamento dos consumidores, alterando seu estilo de vida. “O impacto, porém, pode ser ainda maior nas sociedades e nas políticas empresariais e, acima de tudo, na maneira como encaramos o mundo e a nós mesmos dentro dele” (DRUCKER, 2001, p.86)

Peter Drucker dialoga com a idéia do economista e diplomata japonês, Koichiro Matsuura, para quem, como já dissemos, as revoluções do século XX modificaram o nosso estilo de vida e criaram a sociedade do conhecimento. Drucker explica que o início dessa nova organização social está na revolução industrial, que teve grande impacto sobre a família, que era, até então, a unidade de produção, com o marido, a mulher e os filhos trabalhando juntos na fazenda e no artesanato. “A fábrica, quase pela primeira vez na história, tirou o trabalhador e o trabalho de dentro de casa, deixando os membros da família para trás”. (DRUCKER, 2001, p.89)

Entretanto, Drucker defende que a revolução da informação, até agora, apenas modificou processos que já existiam, ou seja, “os processos não mudaram nada. Eles foram transformados em rotinas, passo a passo, com uma tremenda economia de tempo e, freqüentemente, de custos” (DRUCKER, 2001, p.91)

Mas isso não implica em dizer que os impactos da revolução da informação são menos importantes, pelo contrário, são justamente esses impactos que inspiraram a criação deste

texto, buscando compreender melhor a sociedade na qual estamos inseridos. O impacto psicológico dessa revolução, assim como o da revolução industrial, foi enorme e influenciou de maneira direta na vida de todos. Drucker exemplifica dizendo que “Talvez, tenha sido mais forte na maneira como as crianças aprendem. Já aos 4 anos (e às vezes até antes), as crianças desenvolvem habilidades de computação, logo ultrapassando seus pais”. (DRUCKER, 2001, p.91)

Mas todos os resultados dessa nova ordem cultural e econômica estão fundamentados na base da sociedade digital que, hoje, está no comércio eletrônico. “Fazendo uma analogia com a ferrovia de 170 anos atrás, o comércio eletrônico está criando uma nova explosão, mudando rapidamente a economia, a sociedade e a política” (DRUCKER, 2001, p.92)

Todas essas mudanças foram possíveis com o advento de meios de transportes eficientes, como o avião, as modernas estruturas dos portos e aeroportos, bem como uma nova dinâmica na logística de distribuição dos produtos ao redor do globo terrestre. E não poderia ser diferente, já que “na geografia mental do comércio eletrônico, simplesmente eliminou-se a distância. Existem somente uma economia e um mercado”. (DRUCKER, 2001, p.92)

Para Peter Drucker, então, que o que chamamos hoje de revolução da informação, na verdade, é a própria revolução do conhecimento e o que possibilitou fazer a rotina de processos nessa nova ordem do comércio mundial não foram as máquinas. Drucker considera, então, que o computador foi apenas o “gatilho” e que o software é a reorganização do trabalho tradicional baseada em séculos de experiência, por meio da aplicação do conhecimento e, principalmente, de análise sistemática e lógica. (DRUCKER, 2001, p.95)

Por fim, Drucker diz que o segredo da liderança na sociedade digital “não é a eletrônica, mas sim a ciência cognitiva”, ou seja, “o segredo para manter a liderança na nova economia e na nova tecnologia vai ser a posição social dos trabalhadores do conhecimento” (DRUCKER, 2001, p.95)

O homem está optando, assim, por um estilo de vida de movimento ao desenvolver a tecnologia e valorizar cada vez mais a transmissão do conhecimento. Andrew Feenberg diz que quando utilizamos uma tecnologia, estamos comprometidos com um movimento de maximização e controle e que esta aproximação ao mundo determina um estilo tecnológico de vida. Feenberg ainda diz que “obviamente o controle humano teria pouco significado se cada estilo de vida se fundamentasse numa tecnologia que executassem os mesmos valores” (FEENBERG, 2003, online)

Importante lembrar que Feenberg considera ainda que a ciência e a tecnologia partem do mesmo pensamento racional baseado na observação empírica, mas que a ciência busca o saber e a tecnologia busca o controle. Mas, discordando de Jaques Ellul, para quem a tecnologia domina o homem (1964), Feenberg acredita que o significado e os fins das coisas são algo que os humanos criam e que são esses humanos que conquistam o mundo. Logo, “quando você escolhe usar uma tecnologia, você não está apenas assumindo um modo de vida mais eficiente, mas escolhendo um estilo de vida diferente” (FEENBERG, 2003, online)

Considerações Finais

Tem-se hoje, então, um debate profundo acerca das definições dos termos *Informação* e *Conhecimento* na sociedade digital. Esse debate se reflete no posicionamento dos humanos em relação à própria sociedade, na qual alguns se acham os guardiões da cultura e outros se destacam por viver mais intensamente os sabores tecnológicos desta sociedade, ainda que dominada pelos países que entraram antes no sistema capitalista.

Isso porque são esses países que desenvolvem as tecnologias que todo o comércio mundial absorve. No entanto, é importante realçar que toda sociedade muda e que há a todo tempo uma luta pelo domínio cultural e econômico. Desta maneira, não se pode perder de vista que o trinômio conhecimento-tecnologia-inovação “é um dos instrumentos para a superação das desigualdades econômicas e sociais, a agregação de valor, a criação de empregos mais qualificados e a disseminação do bem-estar”. (CONTINI; REIFSCHNEIDER; SAVIDAN, 2004, p.17)

E, embora seja por meio da tecnologia que se dê o domínio econômico da sociedade digital, a real liderança desta sociedade só será possível através da ciência cognitiva, ou seja, “o segredo para manter a liderança na nova economia e na nova tecnologia vai ser a posição social dos trabalhadores do conhecimento” (DRUCKER, 2001, p.95)

Lembrando, por fim, que uma verdadeira sociedade do conhecimento só será possível quando todas as pessoas, em todos os países do mundo, tiverem as mesmas condições de acesso, processamento, transmissão e apropriação do conhecimento e informações, (ROUANET, 2002, p.15) podendo gerar, de maneira igualitária, tecnologia, ciência, economia e cultura a todos os humanos.

Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. O senso comum e a ciência. In: **Filosofia da Ciência**. São Paulo, Loyola, 2002, p.9-22.

ASCHER, N. Tecnófilos e tecnófobos. **Folha de S.Paulo**. 19 abr. 2004. Folha Ilustrada, p.E8

CONTINI, Elísio e REIFSCHNEIDER, F.J.B. e SAVIDAN, Yves. Os donos do conhecimento. **Revista Ciência Hoje**. Vol 34. Nº201, janeiro-fevereiro de 2004, p.16-21

DAUM, Meghan. A Era da Informação é um fiasco. **O Estado de São Paulo**. 09 abr. 2006. Caderno Vida&, p.A7

DAVENPORT, Thomas H. **Informação e seus dissabores**: uma introdução. In Ecologia da informação. São Paulo, Futura, 2001, p.11-25

DRUCKER, Peter. Além da revolução da informação. **Coletânea HSM Management**. São Paulo, Publifolha, 2001, p.85-96

ELLUL, Jaques. **A sociedade tecnológica**. Nova Iorque. Vintage, 1964

FEENBERG, Andrew. **O que é Filosofia da Tecnologia**. Disponível em:
<<http://www-rohan.sdsu.edu/faculty/feenberg/oquee.htm>>. Acesso em 02 jun 2009

GAMA, Ruy. Uma declaração de intenções: o mito de Prometeu. In: **A tecnologia e o trabalho na história**. São Paulo. Nobel/Edusp, 1986, p.1-7

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo. Atlas, 2002.

GLEISER, M. Algumas das grandes questões. **Folha de S.Paulo**. 28 nov. 2004. Caderno Mais, p.9

GLEISER, M. Definindo a teoria. **Folha S.Paulo**. 02 out. 2005. Caderno Mais, 02.10.05 p.9

HORTA, L. História, ciência e...comida. **Folha de S.Paulo**. 27 jul. 2004. Caderno Sinapse, p.20

KURZ, Robert. A ignorância da sociedade do conhecimento. **Folha de S.Paulo**. 13 jan. 2002. Caderno Mais, p.15

LIMA, João E. Regis. **Considerações sobre Filosofia da Tecnologia**. Palestra da I Conferência Brasileira de Comunicação e Tecnologias Digitais da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo. 27 nov. 2007

MATSURA, K. Rumo às sociedades do conhecimento. **Folha S.Paulo**. 13 nov. 2005, p. A3

MATTELART, A. A emergência das máquinas de informática. In **História da sociedade da informação**. S. Paulo, Loyola, 2002, p.55-67

NAGEL, L.H. **A sociedade do conhecimento no conhecimento dos educadores**. In Revista Urutágua. Ano I, n.4, Maio 2002, Universidade Estadual de Maringá, ISSN 1519.6178

ROMERO, Thiago. **Informação em sociedade**. Agência FAPESP. 2007. Disponível em: <[www.agencia.fapesp.br/boletim_print.php?data\[id_materia_boletim\]=7202](http://www.agencia.fapesp.br/boletim_print.php?data[id_materia_boletim]=7202)>. Acesso em 22 maio 2009

ROUANET, S.P. Fato, ideologia, utopia. **Folha de S.Paulo**. 24 mar. 2002. Caderno Mais, p.14-15

SQUIRRA, S. Sociedade do Conhecimento, In: MARQUES DE MELO, José e

SATHLER, Luciano. **Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2005, p. 255 – 266. Disponível em: <www.metodista.br/poscom/cientifico/docentes/sebastiao-squirra/artigos-de-sebastiao-squirra> Acesso em 10 maio 2009